



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A CONDIÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM DIÁLOGO COM SIMONE DE BEAUVOIR

Sheila Danielle Fernandes de Souza

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Sheiladanielle23@hotmail.com

Erick Vinícius Santos Gomes

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

erickvsg@gmail.com

Resumo: Visto que mesmo nos dias atuais, as mulheres sejam compreendidas por muitas pessoas, tanto homens como mulheres (pois muitas mulheres manifestam atitudes machistas), como seres inferiores aos homens, sendo que em muitas instâncias sociais, os trabalhos considerados de maior importância são destinados a eles. No campo educacional, elas são maioria apenas na educação infantil. No ensino superior, a maioria ainda é dos homens, de acordo com dados do Inep. Procuraremos compreender segundo os conceitos da autora Simone de Beauvoir em seu livro “O segundo sexo”, como o homem adquiriu essa autonomia diante da sociedade, sendo compreendido como um ser superior em relação as mulheres. Em seguida, faremos uma abordagem numa perspectiva histórica sobre o lugar que a mulher ocupa na sociedade e quais os principais fatores que contribuíram para essa visão sobre a supremacia masculina. Desse modo, de acordo com Simone de Beauvoir, a mulher deve romper com essa consciência fixada no seio social de que a mulher seja inferior aos homens, projetando-se no mundo e procurando se realizar enquanto sujeito detentora e capaz dos mesmos direitos gozados pelo homem.

Palavras chave: independência, existencialismo, feminismo.

Introdução:

Ainda é muito comum nos dias de hoje, a mulher ser compreendida por muitos, como se suas capacidades fossem limitadas se comparadas aos homens. Em vários espaços sociais é comum percebermos que as mulheres são inferiorizadas. No campo educacional, elas são maioria apenas na educação infantil. No ensino superior, a maioria ainda é dos homens, de acordo com dados do Inep. Dessa forma, é importante compreendermos primeiramente numa perspectiva histórica sob que aspectos as mulheres foram compreendidas com inferioridade se comparadas aos homens. Para isso,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

nos utilizaremos dos conceitos utilizados pela filósofa existencialista Simone de Beauvoir, que aborda essa questão em seu livro “O segundo sexo”.

Considerando os escritos da filósofa existencialista Simone de Beauvoir, no seu livro “O segundo sexo”, que procura compreender sobre a situação feminina a partir da dominação masculina. Procuraremos entender sob quais situações segundo a autora, a mulher foi colocada como um ser em segundo plano e de que maneira foi aos poucos se sobressaindo de uma condição que a reduzia às necessidades masculinas e que foi ganhando espaço na sociedade, onde antes eram destinados apenas aos homens.

Assim, diante de constantes inquietudes sobre a forma como a mulher é tratada por muitos (tanto homens como mulheres) diante da sociedade, com submissão diante dos homens, pois a maioria deles ainda alimentam a ideia de que a mulher deve restringir-se ao papel de mãe e dona de casa, surgiu a necessidade de compreender quais fatores contribuíram e se realmente existiram motivos para que a mulher fosse relegada a um segundo plano diante do homem. Ao trata-se de uma obra de cunho filosófico nos possibilitará refletir sobre o estudo em questão ao mesmo tempo em que nos proporcionará uma leitura crítica diante dos costumes machistas na sociedade atual, contribuindo para que possamos nos posicionar diante de preconceitos e normas sociais contra a mulher.

Uma reflexão mais profunda sobre tal assunto faz com que possamos entender a nossa condição atual como mulher, o lugar que ocupamos e como nos posicionamos diante determinados comportamentos cotidianos dos homens em relação as mulheres e que muitas vezes passa despercebido por ser considerado normal, pois certos tipos de comportamentos já estão imbricados em nossa sociedade e conseqüentemente naturalizado por muitas mulheres.

Para isso, o trabalho traz uma questão extremamente reflexiva e atual, para que a mulher repense nas suas atitudes enquanto sujeito independente das práticas e atitudes machistas tão comuns em nossa sociedade. É importante que se perceba que muitas vezes nem nos damos conta



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

diante de determinadas situações a que somos postas cotidianamente, fazendo com que sejam normatizadas pelas próprias mulheres.

Metodologia:

Para desenvolver o referido trabalho, optamos por utilizar a pesquisa de natureza qualitativa, utilizando como instrumento a pesquisa bibliográfica, onde foram feitas leituras, fichamentos, resumos etc. Tendo como base o estudo da obra “O segundo Sexo” da autora Simone de Beauvoir, além de outros autores que embasarão nosso estudo. Ainda como método de trabalho investigativo, trabalharemos com o método Histórico – isso significa acreditar que, somente é possível compreender a realidade de um determinado fenômeno se conhecida a sua história ou seu passado – a filosofia, desde Hegel tem essa perspectiva como método de pesquisa.

Resultados e discussões:

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino.

Simone de Beauvoir

Diante de uma perspectiva histórica, Beauvoir (2009), faz um apanhado de como se estabeleceu a hierarquia dos sexos e como o homem se autodenominou superior a mulher. Segundo a autora, nos tempos primitivos, onde os meios de sobrevivência eram escassos e as pessoas eram nômades, os homens saíam a procura de alimentos e as mulheres não conhecendo nenhum método contraceptivo, era de certa forma aprisionada por sucessivas gestações, sendo necessário cuidar dos/as filhos/as em casa, e assim não era capaz de garantir o sustento dos mesmos, necessitando do homem para que este alimentasse-os através do seu trabalho. Por outro lado, morriam muitas crianças devido as más condições em que viviam. Também morriam muitos adultos em decorrência



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de sucessivas guerras. Sendo assim, as mulheres desempenharam uma importância fundamental nessas sociedades. Os dois, tanto homens quanto mulheres tinham a mesma importância e deveriam, portanto, terem o mesmo reconhecimento, no entanto, era o homem, por desempenhar tarefas de caça, pesca e atividades que garantiam a manutenção da família que era visto com maior importância.

Beauvoir (2009), procura identificar quais os caminhos tomados para que a mulher fosse colocada como um ser em segundo plano, considerada inferior ao homem. Ela afirma isso quando diz que “Sim, as mulheres, em seu conjunto, são inferiores ao homem, isto é, sua situação oferecelhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve se perpetuar”. (BEAUVOIR, 2009, p. 25). Historicamente a mulher foi por vezes exaltada, outras vezes ela foi hostilizada e colocada à margem da sociedade, pelo pouco valor que o homem lhe conferia como mulher. Mesmo que durante alguns períodos históricos a mulher tenha obtido um considerável respeito, para Beauvoir (2009), esse respeito não foi voltado à mulher em si, mas sim ao fato dela poder gerar filhos. Era a maternidade que era respeitada e algumas vezes exaltada, e não a mulher como sujeito.

Beauvoir (2009), coloca que sempre houve na história humana, a necessidade de um determinado grupo predominar sobre outro, a partir de alguma vantagem que lhes permitam esse domínio. Mas se os homens não são maioria sobre as mulheres, procuraremos compreender como se deu essa dominação, e a partir de quais fatores os homens exerceram domínio sobre as elas. Para ela, um fator que facilitou a dominação masculina foi o fato de que as mulheres são desunidas. Elas estão mais ligadas por questões identitárias do que mesmo às mulheres de um modo geral. As burguesas unem-se as burguesas, as camponesas às camponesas e assim por diante. Existem também mulheres que preferem submeterem-se aos maridos por puro comodismo, sentindo-se seguras e confortáveis nessa condição, já que estes lhes proporcionam uma segurança financeira, para as mulheres que não desejam manterem-se economicamente através do seu próprio trabalho, é mais cômodo que um marido lhe proporcione essa segurança.

Assim, ela procura esclarecer as diversas situações em que se procurou reduzir as capacidades femininas sob diferentes pontos de vista. Segundo Beauvoir (2009), a situação de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

inferioridade da mulher não parte de um destino biológico que a reduza a mãe e esposa. Esses atributos são construídos culturalmente no seio de uma sociedade. Para ela, a biologia não é suficiente para determinar a superioridade masculina. Visto que mesmo sendo notório a fragilidade física da mulher em comparação ao homem, não é suficiente para se compreender a mulher com menos direitos ou valores perante o homem. Mesmo reconhecendo que a condição biológica feminina a limita em determinadas situações, como em períodos de gestação, amamentação; isto não é suficiente para que a mulher tenha sido tão submissa ao homem a ponto de ser tratada em algumas épocas como um bem, a que o homem dispõe de total controle. A mulher não deve restringir-se a esse dado biológico. O fato de que o homem não tenha essas mesmas limitações, não lhe outorga nenhuma supremacia. Dessa forma, as capacidades físicas da mulher só as limitaria se fosse um fator essencial para sua sobrevivência, visto que em um mundo de tecnologias em que a força física não é mais um meio de sobrevivência, essa superioridade perderia o sentido.

De um modo geral, a situação das mulheres em vários contextos, era de servidão ao homem, sendo que em alguns lugares, ela dispunha de uma relativa liberdade diante dos homens. Beauvoir cita então, alguns lugares como Atenas, Grécia, Roma, onde a mulher tinha uma efetiva participação na sociedade, onde hora com maior notoriedade, outras vezes marginalizada. O fato é que as mulheres sempre estiveram onde os homens permitiram. Se elas participavam na política ou em algum outro campo da sociedade, segundo Beauvoir foi porque lhes foi concedido esse direito por parte dos homens. Assim, “O prestígio que goza aos olhos dos homens, é deles que o recebe”. (BEAUVOIR, 2009, p.113).

De acordo com Simone de Beauvoir (2005), apesar de o sujeito se colocar em determinadas situações como sujeito autônomo e capaz de feitos extraordinários decorrentes do uso de sua liberdade; por outro lado, torna-se vítima de seus próprios inventos, tornando-se passivo e indefeso diante das situações criadas por eles - vítima de suas próprias invenções. “Ele se evade de sua condição natural sem, no entanto, dela libertar-se”. (BEAUVOIR, 2005, p.13). Vivem, o paradoxo de sua própria condição. Assim, Beauvoir (2005) explica que uma moral da ambiguidade será uma moral que se recusará a negar a priori que existentes separados possam ao mesmo tempo estar ligados entre si e que suas liberdades singulares possam forjar leis válidas para todos. Por isso, é



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

notório que mesmo a mulher seja por muitos relegada a um segundo plano, cabe a ela mesma procurar libertar-se dessa condição, através de seu próprio esforço e determinação, afim de se superar diante das condições a que foi exposta.

Assim como o existencialismo, o marxismo também defende que o sujeito deve valer-se de sua liberdade na busca por melhores condições de vida, pois uma sociedade é construída exatamente a partir do que os sujeitos entendem como necessário à sua sobrevivência na construção de valores sociais e morais. São as ações praticadas pelo sujeito que irão transformar a sociedade em que vivem. O marxismo acredita no sujeito capaz de construir a sociedade através de lutas e conquistas. Dessa forma, discorda da crença de uma situação social predeterminada ao sujeito, e por isso é que não se deve manter-se no conformismo ou acreditando que as coisas devem permanecer como lhe são colocadas. Pelo contrário, é necessário questionar e posicionar-se frente às questões que nos são impostas por uma minoria que tenta deter o poder.

No entanto, o marxismo defende uma liberdade que se limita à liberdade do outro, pois se vivemos em uma coletividade, devemos compreender que essa liberdade só nos cabe na medida em que não ultrapasse a liberdade do outro. Cabe então ao indivíduo pensar as suas ações de forma que possam adequar-se ao seu contexto social, procurando agir de acordo com algumas normas e regras impostas pela sociedade.

Dessa forma, Simone de Beauvoir (2005), acredita que para que o indivíduo consiga viver de maneira equilibrada e consistente em determinada sociedade, ele deve ter projetos, metas a serem alcançadas, para que não defina sua existência de maneira abstrata – a existência é um processo contínuo e não deve-se projetar sem objetivos, é necessário que tenha sentido como uma forma de incentivo a sua continuidade.

Se abandono atrás de mim um ato que realizei, ao cair no passado ele se torna coisa, não é mais nada senão um fato estúpido e opaco; para impedir essa metamorfose, é preciso que eu incessantemente o retome e o justifique na unidade do projeto em que estou engajado; fundar o movimento de minha transcendência exige que eu jamais o deixe recair inutilmente sobre si próprio, que eu o prolongue indefinidamente. (BEAUVOIR, 2005, P.28).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Assim, cabe ao indivíduo ir à luta em busca de seus objetivos, sabendo que a sua liberdade consiste em procurar vencer os obstáculos que se apresentam ao longo da caminhada em busca de conquistas – devendo-se ter consciência de que sempre irão aparecer obstáculos, muitas vezes difíceis e até impossíveis de se atingir. Por isso, é necessário que se tenha um certo discernimento diante de determinados objetivos, tendo consciências dos limites que se colocam para que sejam alcançados, para que assim, não tornem-se em meras tentativas frustrantes.

Mesmo que o homem seja colocado em um mundo que ele não escolheu fazer parte, em um contexto já existente sob vontades alheias as suas, o indivíduo deve lutar e tentar sobressair diante de tais circunstâncias, pois sua liberdade só se concretizará através dos projetos e metas alcançadas através do uso de sua liberdade. Simone de Beauvoir em citação a Descartes afirma que “A infelicidade do homem, vem do fato de que ele foi primeiramente uma criança. E com efeito, as escolhas infelizes que a maioria dos homens fazem só podem ser explicadas porque foram operadas a partir da infância”. (BEAUVOIR, 2005, p.35).

Assim, Beauvoir trata de questões fundamentais para se compreender que, o ser humano apesar de ter liberdade para construir sua existência, por outro lado, sua liberdade limita-se a liberdade do outro, pois não somos seres dotados de capacidades que nos possibilite conduzir-nos de forma individual. Vivemos em uma coletividade. Não somos obrigados a nos adequar ao contexto em que vivemos, porém, dependemos desse contexto social no qual fazemos parte construindo e sendo construído através dele. É através dessa ótica existencialista, especificamente no existencialismo sartriano, que Beauvoir apoia-se na construção do seu pensamento.

O existencialismo de Sartre, segundo Almeida (1988), parte do princípio de que Deus não existe, e sendo assim, o indivíduo não tem a quem recorrer quando julgar necessário um amparo espiritual. Por outro lado, também não terá desculpas para submeter-se a algum tipo de autoridade divina, ficando “livre” para cumprir sua liberdade, de maneira que poderá fazer suas escolhas a depender de suas necessidades e circunstâncias. Essas escolhas são determinadas por Sartre como possíveis caminhos a serem seguidos, livre de valores morais que determine o comportamento humano.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para Sartre (2005), nós somos livres para construirmos nossa existência e, através da nossa capacidade de imaginação, damos tanto significados quanto atribuímos valores às coisas. Essa imaginação, tão necessária ao ser, é para Sartre uma forma de defesa, uma arma contra um mundo incerto. É através da imaginação que o sujeito cria os significados das coisas e através desses significados mantêm um suposto controle sobre o mundo. Para Sartre, devemos fugir desse pensamento de que o sujeito tem uma proteção divina que lhe dará amparo sempre que necessário, assim como esperar por perdão e ajuda pelos atos considerados nocivos, pois a cada ação praticada deve-se responsabilizar-se por seus próprios atos.

Em referência a Sartre, Almeida (1988), diz que se o homem está condenado a ser livre, além de não escolher nascer, ele se vê na obrigação de assumir pelos seus atos, diante de constantes riscos, angústias e sofrimentos a que está vulnerável, pois é o único responsável por sua existência. O lado bom é, que sendo o homem considerado livre nas suas escolhas, ele poderá lançar-se no mundo procurando fazer o que lhe for conveniente dentro de suas possibilidades existenciais sem que para isso tenha que submeter-se a imposições e normas religiosas que legitimem seu comportamento.

Se o homem não é, mas se faz, e se, em se fazendo, assume a responsabilidade por toda a espécie humana, se não há valor ou moral dados a priori, mas se, em cada caso, precisamos resolver sozinhos, sem ponto de apoio e, no entanto, para todos, como haveríamos de não sentir ansiedade quando temos de agir? (SARTRE, 1964, P. 221)

Se para Sartre (2005) a existência precede a essência, primeiramente o sujeito existe, sem nenhuma predeterminação do que ele venha a ser, e a partir do uso que ele faz de sua relativa liberdade no mundo, é que ele vai definindo-se como sujeito. Assim, as escolhas que serão feitas pelo uso da liberdade, dependerão das condições oferecidas e construídas coletivamente num determinado contexto. Pois sendo o sujeito parte da sociedade, este conduz sua existência a partir das possibilidades alcançáveis diante de seu contexto.

Queremos a liberdade pela liberdade através de cada circunstância em particular. E, ao quisermos a liberdade, descobrimos que ela depende inteiramente da liberdade dos outros e que a liberdade dos outros depende da nossa (...). (SARTRE, 2005, p. 221).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Contudo, Sartre (2005) reconhece que a liberdade não se efetiva exatamente como se espera ou como desejamos, pois, se o indivíduo convive em uma sociedade, este está sujeito ao olhar do outro sobre os seus atos, pois da mesma forma que tenho liberdade de lançar um olhar de julgamento, devo ter consciência de que este outro também terá a mesma liberdade sobre mim, gerando vergonha, preocupação e conseqüentemente alguma submissão a depender do uso que o sujeito faz da sua liberdade. Assim, a liberdade do indivíduo é ameaçada pela liberdade do outro que pode lançar um olhar de diferentes formas para cada comportamento, pois ele tem liberdade para isso.

Por mais que façamos uso de nossa liberdade procurando alcançar nossos desejos, deve-se sempre ter em mente de que não somos únicos no mundo, e que vivendo coletivamente, nossos atos refletirão nos outros que estarão sempre a nos julgar e tentar fazer uso de suas liberdades sobre a nossa. Cabe ao indivíduo procurar agir diante das condições políticas e sociais na qual convivem mesmo sem ter escolhido, procurando assim escapar do conformismo. Nessa perspectiva, o indivíduo tem escolhas: ou ele se conforma e se acomoda com sua situação existencial, ou luta pra conseguir transformar sua existência de maneira que possa lhe trazer melhor qualidade de vida. Assim,

Alguém que nasce num contexto econômico e político capitalista, numa família operária, tem configurada para si uma situação bem determinada por fatores de ordem objetiva. Mas esse indivíduo pode assumir pelo menos duas situações distintas, conforme o modo como se represente sua situação. Pode entendê-la como fatalidade inscrita em desígnios divinos e assim conformar-se com um destino que inevitavelmente deve cumprir (...). Mas pode também entender as condições que compõem a sua situação como fruto de um processo histórico que se formou e se consolidou graças à exploração do homem pelo homem e que essa situação, sendo histórica e não natural ou sobrenaturalmente determinada, pode mudar. Formulará então um projeto de vida em que a luta pela transformação social ocupará lugar relevante. (MENTE, CÉREBRO E FILOSOFIA, 2008, P. 59).

É por esse viés que a concepção existencialista procura identificar a liberdade do indivíduo, para que estes se façam através de possibilidades, partindo das escolhas que venham a construir sua existência, tendo em mente que nenhum destino é determinado por forças naturais ou sobrenaturais e que a vida é uma construção que se faz a cada momento vivido, superando-se obstáculos e procurando alcançar objetivos que deem sentido a existência. Assim, a intencionalidade de sua consciência fará com que obstáculos tornem-se realmente obstáculos ou não. Tudo irá depender da



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

visão que o indivíduo projeta sobre as coisas. Ele pode escolher entre o conformismo ou lançar-se fazendo uso de sua liberdade.

Conclusão:

Sendo assim, diante do exposto acima, podemos concluir que mesmo que as mulheres ainda sejam vistas e tratadas por muitas pessoas, tanto homens quanto mulheres, (isso porque percebemos em algumas mulheres um comportamento extremamente machista), sabemos que elas podem sim, projetar-se de maneira a atingir seus ideais, sem submeterem-se aos julgamentos masculinos. Assim, não só no campo educacional, especificamente no ensino superior, as mulheres devem buscar realizarem sua existência sem se restringir a preconceitos e limitações sociais, acreditando nas suas próprias capacidades e fazendo uso delas. Pois como bem afirma Simone de Beauvoir (2009), “A mulher não é uma realidade imóvel, e sim, um vir a ser; é no seu vir a ser que se deveria confrontá-la com o homem, isto é, que se deveria definir suas possibilidades. ”

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Fernando José de. **Sartre: é proibido proibir** - São Paulo: FTD, 1988.

BEAUVOIR, Simone de. **Memórias de uma moça bem comportada**; tradução de Sergio Milliet. – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1908.

BEAUVOIR, Simone de; **Por uma moral da ambiguidade**; tradução de Marcelo Jacques de Moraes. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**; tradução Sérgio de Milliet. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.

LESSA, Fábio de Souza. **O feminino em Atenas** – Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

MENTE, CÉREBRO E FILOSOFIA. São Paulo: Duetto – 5. ed. 2008.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SARTRE, Jean Paul. O ser e o nada: **ensaio de ontologia fenomenológica**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.